

AGULHAS, CANIVETES E PUNHAIS: A FORÇA EPIDÍTICA DO DISCURSO DOS INTOLERANTES

Luiz Antonio Ferreira¹

RESUMO

Este texto retoma e amplia as reflexões que temos feito, sob a luz dos ensinamentos retóricos clássicos e da nova retórica, sobre a natureza do gênero epidítico e a força persuasiva no discurso dos intolerantes (FERREIRA, 2019, 2022, 2024, 2025 a, 2025 b). Consideramos que a intolerância pode ser subdividida em três níveis distintos e ascendentes, a partir de observações da prática do gênero epidítico na contemporaneidade,

Palavras-chave: Retórica. Gênero epidítico. Discurso dos intolerantes.

ABSTRACT

This text revisits and expands upon the reflections we have developed, in light of classical rhetorical teachings and the new rhetoric, concerning the nature of the epideictic genre and the persuasive force within the discourse of the intolerant (FERREIRA, 2019, 2022, 2024, 2025a, 2025b). We consider that intolerance can be subdivided into three distinct and ascending levels, based on observations of the practice of the epideictic genre in contemporary contexts.

Keywords: Rhetoric. Epideictic genre. Discourse of the intolerant.

Considerações iniciais

Consideremos que o vitupério é ação verbal de proferir ofensas, insultos, repreensão para censurar ou condenar alguém. No contexto retórico, é discurso que demonstra ou expõe alguém a uma situação humilhante, ultrajante e provoca, antes de tudo, vergonha no auditório. Consideremos, também, o discurso dos intolerantes como um recurso interacional que se marca pela rejeição sistemática de indivíduos ou grupos, vistos como “outros” e fundamenta-se em crenças de superioridade e desejos de afastamento, exclusão ou extermínio do auditório. Aristóteles

Na sistematização retórica que herdamos de Aristóteles (2012), o epidítico é um dos três gêneros fundamentais para o entendimento dos discursos que pretendem ser

¹ Endereço eletrônico: luizanferreira@terra.com.br

persuasivos: deliberativo, judicial e epidítico. Cada um desses gêneros tem uma função específica e se move no discurso em consonância com o contexto em que é utilizado. Neste artigo, enfatizaremos a prática contemporânea do gênero epidítico no discurso dos intolerantes e sua conformação histórica e contemporânea presente nos discursos sociais.

A Instituição Retórica

Consideremos, inicialmente, a Retórica como uma instituição secular que, por força do gênio grego convencionou um sistema de práticas, normas, valores e princípios de atuação pública que moldou comunicação persuasiva ao longo dos séculos. Nasceu no espaço político de atuação da palavra livre: a democracia. A prática da oratória na época clássica, a princípio, e, depois, o exercício da própria retórica como um corpo teórico permitiram a codificação, o ensino, o esqueleto indissolúvel dos debates públicos e a regulação e transmissão contínua de conhecimento que a tornaram um sistema institucionalizado, que permaneceu no tempo, a despeito da evolução histórica e de seus desdobramentos na constituição do pensamento humano. Desse modo, por sua permanência atemporal, a Retórica se configura como uma estrutura institucional de formação do saber e do bom uso da palavra em qualquer circunstância.

Natureza do gênero epidítico

Por ter em sua natureza a prática do discurso do elogio e da censura, o epidítico (em grego, *epideiktikon*; em latim, *genus demonstrativum*) ainda hoje se mostra presente em cerimônias e discursos comemorativos e é frequentemente utilizado em homenagens e discursos solenes, quando o orador busca criar um senso de unidade e pertencimento entre os ouvintes. É, então, por natureza, o gênero que enfatiza o presente e solicita a apreciação do belo ou do feio. Possui, então, duas faces distintas: o elogio é a arte epidítica daqueles que apreciam as virtudes humanas; o vitupério é a prática epidítica dos censores. Por assim ser, o impulso retórico é utilizado para intensificar a adesão a determinados princípios, ideias, valores, com intuito de consolidar a identidade coletiva. Esse gênero retórico, então, conforme conceituação de Aristóteles (2012), que o formalizou, tanto pode elogiar quanto censurar e, nesse aspecto “negativo”, ao criticar vícios, ações ou atitudes, reforça normas sociais e morais, ajuda a moldar a percepção, a construção da identidade coletiva ao apontar comportamentos condenáveis e funciona como um alerta sobre o que deve ser evitado. Na tradição antiga, entretanto, o *galdus*

epideikticon (*genus demonstrativum*) foi historicamente relegado e considerado o “primo pobre” dos três gêneros, porque, ao contrário do judiciário e do deliberativo, não se destinava a decidir controvérsias passadas nem a influir em escolhas futuras, mas, sim, a exaltar ou censurar valores já aceitos pela comunidade. Muitos séculos depois, no clássico Tratado da Argumentação, Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2005) recuperaram o espírito epidítico ao afirmar que, embora desde Aristóteles o epidítico tenha sofrido o destino de gênero neutro, fortemente ornamental, é hoje reconhecido como importante mecanismo de coesão social e persuasão simbólica. A respeitável tradição que infundiu natureza sólida ao discurso epidítico não se apagou ao longo da História. E, como acontece com qualquer arte, ganhou contornos, moldou-se por “regras” que permanecem ou empalidecem por força de exercícios dessa mesma arte.

Há muitas formas de pensar o uso desse gênero em nossos dias. Um modo fundamental de vê-lo em ação liga-se a uma constatação evidente; como os atos retóricos são contingentes, exigem adaptação contínua e, em qualquer situação discursiva, remanesce a ideia de que um bom orador deve ser capaz de analisar a situação e a disposição do auditório, escolher argumentos e estratégias mais adequados para aquele momento e auditório, ajustar respostas às mudanças circunstanciais impostas pelo contexto. Como é próprio desse gênero o enaltecimento, a exaltação, a homenagem, a aclamação e a apologia por um lado e, por outro, a crítica, a censura, o vitupério, a objurgação, a afronta, o ultraje e a ofensa infiltram-se na relação entre a opinião pública e as crenças do orador para sedimentar ou formar consensos sociais. Os oradores na contemporaneidade continuam a praticar com liberdade a admiração ou o repúdio pelas atitudes de algo ou alguém e mantêm vivo um espírito epidítico em diversos movimentos discursivos contemporâneos, embora muitas vezes sob outros nomes ou formatos, mas ainda alinhados à tradição retórica: a) **discurso laudatório**: explícito, praticado em cerimônias, homenagens, obituários, discursos de posse ou premiações, com elogios enfáticos, especialmente em contextos acadêmicos ou literários; b) **discurso de ódio ou invectiva**: sempre polêmico e exaltado, é uma forma de censura epidítica, presente em manifestações públicas, redes sociais ou textos opinativos; d) **discursos de crítica cultural ou social**: artigos, ensaios e vídeos que exaltam ou condenam comportamentos, obras, instituições ou figuras públicas; **discursos midiáticos**: editoriais, colunas de opinião e até memes que amplificam valores compartilhados ou vilipendiam o que se considera indesejável.; e) **discurso institucional**: usado por empresas, ONGs ou

governos para reforçar valores éticos, culturais ou sociais — muitas vezes em campanhas publicitárias ou comunicados oficiais; **posts** em redes sociais, **podcasts** e até mesmo conversas informais no dia a dia envolvem elementos retóricos e, em muitos e muitos casos, essencialmente laudatórios.

Sob esse aspecto, o orador do gênero epidítico pratica a retórica que nasce de uma perspectiva, de um modo de olhar as pessoas e o mundo, de um ângulo de visão que realça *ethé*, (múltiplas dimensões do caráter humano, o espaço simbólico em que se constitui, os hábitos que o moldam.) e movimenta o *pathos* a partir de um ponto de vista. É o caso, por exemplo, da publicidade e da propaganda, que, na essência são exercícios epidíticos e fortes propulsores para louvar pessoas, produtos e instituições. É sensível para auditórios mais conscientes que muitos discursos laudatórios são construídos apenas para orientar enviesadamente o outro, criar impulsos e fazer comprar. São objetivamente moldados para imprimir na sociedade falácias bem verossímeis. E, assim sendo, a orientação ética ou o objetivo de colaborar para a formação cívica nem sempre é praticada porque alguns oradores se valem da retórica para o ludíbrio e enviesamento ideológico de ideias e “ismos” de todo tipo. Há aqueles que exploram propriedades persuasivas da retórica apenas para fazer crer e fazer-fazer com o intuito único de obter sucesso-a-qualquer-preço. Disfarçam o *docere* para provocar o *movere* e pouco se importam com as consequências nefastas de pensamentos falaciosos e enviesados. No sentido clássico, quando assim é, o epidítico se esmaece de algum modo, uma vez que as contingências se sobrepõem e emergem velozmente em discursos que priorizam identificação imediata e infundem apelos emocionais que, em vez de promover reflexão sobre o “bem comum”, amplificam as artimanhas de persuasão, buscam apenas adesão egoísta ou consumista e muitas vezes se esforçam para evitar debates éticos mais amplos. Sinal dos tempos!

Encontra-se, então, na natureza do gênero epidítico uma visão patética de um orador que admira ou se insurge com um outro e age discursivamente para apresentar sua visão do *ethos* de alguém ou de algo. Na dependência de seu desejo, pode enaltecer grandemente e, quando não quer louvar, pode ser insidioso, trapaceiro, enganoso, falso, ardiloso e até pérfido. Pode valer-se do gênero para ridicularizar, diminuir, humilhar apenas por desejo de denegrir uma imagem. Enfim, o epidítico pode ser um grande exercício de polidez, mas também admite em si, na dependência dos objetivos do orador, formas de afronto, insultos e vilezas nada piedosas. Essa segunda característica evidencia

que a prática do gênero epidítico pode, por força de sua natureza dupla, transmutar-se negativamente e, em vez de construir uma comunidade ética, ser usado para atribuir virtudes a marcas, a pessoas de mau caráter ou produtos nem sempre úteis ou duráveis, vazados em discursos construídos muitas vezes de forma superficial, instrumental, mas fortemente passional e persuasivas.

O epidítico “sugere” o logos, mas é quase lógico, pode descompromissar-se, com seu jeito emocionado, de evidenciar provas, pois atua no exemplo “demonstrativo”, nem sempre verdadeiro, mas quase sempre verossímil. Não precisa, então, de provas lógicas estritamente. Como desde Aristóteles (2005) se reconhece, as provas subjetivas concentram-se nos afetos, na fé e na emoção e ultrapassam as exigências das provas objetivas tão necessárias nos demais gêneros retóricos. No epidítico, a evidência manifesta-se como dado empírico e observável, não carrega a incumbência de demonstrar utilidade ou nocividade, justiça ou injustiça, virtude ou vício, apenas o bonito e o condenável. Como laudatório, pretende a exaltação do belo ou exposição do repulsivo, destaca o admirável, o harmonioso, o apazível ou, em contraste, o disforme, o vil, o torpe, o sórdido e o desagradável. Seu propósito é despertar emoções que levem o auditório à reflexão sobre os caminhos possíveis da constituição da humanidade. Ao lidar com qualidades e defeitos concretos, exemplifica com sensibilidade. Por apoiar-se na experiência visível, exime-se de sustentar teses abstratas e mostra o valor de algo ou de alguém pela vividez dos exemplos que cria às vezes de modo distorcido (no vaso do vitupério), em articulação intrínseca com a *enárgeia* (força estilística) e a *effictio* (descrição física ou moral).

O discurso epidítico, assim, promove uma representação emocionada de mundo sob a perspectiva do orador. Só embute em si a necessidade de ser verossímil. Por ser representação e produto de afeto, um orador pode infiltrar noções ligadas ao ser e estar no mundo, pode criar mitos, manipular os sentimentos para regular a admiração. Quando insidioso, pode persuadir pela promoção artificial de virtudes. Se o orador pratica o gênero demonstrativo e cumpre seu papel social de promoção de lugares comuns é porque conhece a profundidade ou a superficialidade do pensar do auditório e dos mecanismos de promoção de desejos.

Enfim, amparado pelos meios de promulgação do discurso, o gênero epidítico se manifesta pela mobilização e exploração intensa do patético, com o objetivo de provocar

adesão emocional e criar ou reforçar valores socialmente compartilhados. Os lugares comuns — ou *topoi* argumentativos — funcionam como premissas que devem ser amplamente aceitas pela coletividade, para sustentar a superioridade de uma pessoa, de um produto ou serviço com base em ideias como inovação, autenticidade, sustentabilidade ou tradição (FERREIRA, 2010).

Sobrevém, então, uma propriedade retórica que impulsiona o pensar sobre o epidítico: a contingência e a alteração de percepções. Os discursos são naturalmente maleáveis, dependentes do contexto e não necessariamente comportam apelos universais. Nascem e se desenvolvem, pois, em resposta a situações específicas, e sua eficácia está intrinsecamente ligada à capacidade do orador de se adaptar e fazer ressoar uma ideia em um auditório particular ou não em um determinado momento.

O discurso dos intolerantes:

No conviver social, porém, sabemos, todo orador e todo auditório carrega valores, vulnerabilidades e circunstâncias contextuais que o impelem para a adoção de “lados” na visão de mundo. O epidítico apura o “gostar” e não é um gênero neutro, nem só poético e estético. Qualquer resposta a um ato retórico implica juízo de valor e, nesse sentido, a opção do auditório para o bem ou para o mal, implica reconhecer que a própria retórica é dotada de plasticidade e poder, que qualquer enunciado retórico, ainda que disfarçado ou enganador moral, carrega escolhas éticas que, no fundo, revelam o caráter dos que praticam essa arte, técnica ou disciplina. Em um mundo caótico e dominado por ideologias contrastantes, a habilidade retórica continua disponível a agentes bem-intencionados ou não. O poder da palavra em discurso se mantém como força transformadora, capaz de informar, ensinar, encantar, comover, ferir, dissimular, manipular, instigar e mobilizar ideias em contextos de incerteza e de conflitos.

Nesse mundo conturbado vivenciamos nosso dia a dia. Convivemos com pessoas e pessoas e todas têm um objetivo comum: relacionar-se com o outro. Muitos, amargos demais, têm um caráter irritadiço ou pouco afável no trato com as pessoas: são os intolerantes. Todos convivemos com pessoas impacientes, irritáveis, cínicas, ásperas, hostis, agressivas, raivosas e violentas que se se valem da crítica ácida para firmar um *ethos* e marcam seus atos retóricos por uma figura bem característica dos inconformados: a **apodioxe**, a recusa argumentada de argumentar. O mais brando dos intolerantes é,

minimante, um violento verbal que usa o vitupério como um espetáculo para realçar o que considera inadmissível no outro e, assim, reforça sua autoridade simbólica.

Há graus distintos de intolerância e, grosso modo, podemos classificá-los em três categorias bem nítidas, mas expressivas:

NÍVEL 1 – discriminação e rejeição: o intolerante de nível 1 discrimina pessoas por meio de piadas estereotipadas, ditos populares preconceituosos, músicas jocosas, charges, chistes, frases perversas atenuadas em provérbios.

No convívio diário, todos nós já encontramos colegas, parentes ou mesmo pais intolerantes que não suportam nosso modo de ser ou de agir em determinadas circunstâncias ou permanentemente: valem-se de palavras torturadoras ditas de modo jocoso ou agressivo: *Você é loira mesmo!* (referência às canções populares que discriminam a mulher loira, considerada “burra”); *Paulo Freire é um energúmeno* (frase de um ex-presidente brasileiro); *Como você é idiota, não? Como consegue ser tão chato e cheio de bico? Você sabe, né? Quem namora marginal é marginal.* O intolerante de nível 1 é perito em praticar a zombaria e o escárnio: ataca **uma** pessoa. Ao mirar características físicas (gordo, narigudo, magrelo, espanador da lua) provoca riso ao depreciar o “alvo” e reforçar a superioridade dos “normais”. Desse modo, incita o desprezo e induz o auditório a considerar o outro como inferior ou ridículo. Pratica então, consciente ou inconscientemente, uma espécie de crueldade disfarçada no prazer perverso de humilhar como se nada ferisse. O orador de primeiro nível provoca vergonha no auditório particular que, alvo de vitupérios, só lamenta o vício de alma do orador, sua falha de caráter e, agredido, se esforça para conviver com pessoas sádicas, que sentem prazer em causar dor ou desconforto ainda que o ato retórico se disfarce de humor ou crítica velada.

Embora o orador de nível 1 seja o mais brando dos intolerantes, apresenta falhas morais que, mesmo disfarçadas, são concretas no discurso: é manipulador (usa o discurso para controlar, intimidar ou desestabilizar emocionalmente), é sempre narcisista, pois afirma-se pela diminuição do outro e, assim, mantém uma imagem de superioridade. O intolerante de nível 1 exige que o auditório se ajuste para caber. Caso contrário, só receberá discriminação e rejeição.

NÍVEL 2: Exclusão. Os intolerantes de nível 2 provocam conflito e separação física incentivada de **grupos** inteiros. São ativos e promovem deslocamento social por quaisquer meios de comunicação.

Os intolerantes de nível 2 são identificados por seus atos retóricos contrários a **grupos** inteiros e manifestam um ou mais dos seguintes desvios de virtude: antissemitismo (ódio ou preconceito contra judeus); aporofobia (rejeição ou desprezo pelos pobres); racismo (preconceito ou discriminação com base na raça ou na etnia); idadeísmo (preconceito com base na idade, especialmente contra idosos); LGBTfobia (preconceito contra LGBTQIA+) , classismo (preconceito baseado na classe social e econômica); xenofobia (aversão ou hostilidade contra estrangeiros ou culturas diferentes), sinofobia (preconceito contra chineses) ...

O intolerante de nível 2, enfim, promove o discurso conspiratório e é hábil em manipular o auditório por meio de vários recursos retóricos como o uso da falácia “*post ergo propter hoc*” (depois disso, por causa disso) e pela confusão entre relação de sucessão e causalidade. Um exemplo típico de falácia da causa falsa encontra-se na publicação a seguir:

Figura 2. Impressão de tela do tuíte de Roberto Jefferson.¹⁵



(apud Silva e Damasceno Moraes, 2021)

Há uma *doxa* sobre os produtos chineses no Brasil de que são de má qualidade. Roberto Jefferson se vale desse valor para atacar uma pessoa (João Dória) e lançar na

Internet uma falácia da causa falsa sobre todo um grupo (os chineses). Pura sinofobia usada estrategicamente para solidificar uma “verdade” que não resistiria a uma análise mais profunda, pois a vacina ajudou muitos brasileiros a se livrarem da morte durante a pandemia do Coronavírus. É sensível a separação que faz entre “nós” e os outros ao separar o auditório em dois grupos: os sábios e os ignorantes teimosos.

O intolerante de segundo nível expressa um perfil genérico, um inconformismo crônico (diferente é diferente e merece castigo por isso). Dessa postura, advêm vícios fundantes como a crueldade (não se importa com o ferir, pois deseja afastar e criar uma *doxa*), o determinismo, que é reducionista e não inspira confiança (não se pode mudar o que penso sobre o outro porque o outro é assim). Em muitos casos, o intolerante de segundo nível é colérico e ameaçador (faz tudo para excluir e deixar claro que o “diferente” é desnecessário).

O intolerante de nível 2 é extremista e não hesita em praticar atos retóricos generalizantes que não minimizam sentimentos; vale-se de ferramentas retóricas de impacto emocional que não apenas revelam a crueldade, mas a declaram abertamente por meio das palavras; sempre expressa um juízo de valor que pretende mover o auditório e transformar sua fala em ação social; externa e propaga noções do senso comum, rasas e não reflexivas, e, assim, contribui para a criação de estereótipos e preconceitos acerca dos reais objetivos e verdadeiros fundamentos dos Direitos Humanos

Silva e Damasceno Moraes (2021), a partir da Cartilha do Participante (INEP, 2015, 2016) analisam vários exemplos de estudantes que podem ser relacionados entre os intolerantes de Nível 2:

1) Desrespeito à dignidade e igualdade de direitos: *“Os homossexuais deveriam ser isolados da sociedade para evitar a degradação moral.”*

2) Culpabilização da mulher, justificativa para a violência sexual: *“Mulheres que se vestem de forma provocante merecem ser violentadas.”*

3) Defesa de práticas que violam tratados internacionais de direitos humanos: *“Os criminosos deveriam ser torturados em praça pública como exemplo”.*

4) Desrespeito à dignidade e à igualdade de direitos: *“Os homossexuais deveriam ser isolados da sociedade para evitar a degradação moral”.*

5) Discurso discriminatório e excludente: “*A pena de morte deveria ser aplicada a todos os pobres que cometem crimes.*”

Como é fácil verificar, todo ato retórico possui uma proporção patética inevitável. No discurso dos intolerantes de nível 2, a hipérbole é a base para a dimensão argumentativa. Como a linguagem se situa fundamentalmente entre dois polos (o da influência e o da ação), os praticantes do segundo nível conclamam ação, nem sempre em consonância com o bom senso ou os princípios que regem os direitos humanos e podem propor ações nada éticas ou humanizadas.

NÍVEL 3: Extermínio. Os intolerantes de nível 3 promovem violência, depredação, linchamento, limpeza de gênero, limpeza étnica e extermínio por morte retoricamente incentivada.

Essa é a ação retórica mais contundente nos discursos sociais e, normalmente, é praticada por aqueles que possuem um poder imposto ou aceito socialmente. É o exercício dos que praticam o discurso para exigir a morte dos que são considerados adversários. Os intolerantes de nível 3 são experts em promover violência, depredação, linchamento, limpeza de gênero, limpeza étnica e morte. Promovem retoricamente o incentivo ao desprezo irremediável, à raiva, à cólera, ao medo, e, finalmente, ao ódio.

O mais conhecido dos intolerantes de nível 3 é Adolf Hitler. O **Protocolo da Conferência de Wannsee (20 de janeiro de 1942)** é o registro oficial da reunião em que altos funcionários nazistas coordenaram a implementação da “Solução Final” para a questão judaica; é a prova documental mais direta da política de extermínio sistemático dos judeus na Europa. Os **Documentos dos Julgamentos de Nuremberg e coleções arquivísticas** (MENDELSON, 1982) — transcrições, provas e documentos apresentados nos julgamentos e em projetos de arquivo — reúnem evidências documentais e depoimentos que corroboram a política de extermínio e perseguição sistemática promovida pelo regime nazista.

Friedlander (1995) esclarece a evolução das práticas de extermínio em larga escala (Programa de “eutanásia – Aktion 14) e mostra como a eliminação de pessoas com deficiência foi institucionalizada e serviu de modelo durante o regime nazista. Plant

(1986) documenta a criminalização intensificada, prisões, marcação e deportação de homossexuais para campos de concentração (triângulo rosa

De modo geral, assim pode ser entendido o *ethos* do intolerante de nível 3:

a) **autoritário e redentor**: apresenta-se como portador da “verdade”, defende defensores de valores absolutos como honra, justiça ou liberdade, mesmo que distorcidos;

b) **moralmente inflamado**: usa linguagem carregada de indignação, como se sempre estivesse em missão ética ou espiritual, a fim de legitimar a agressividade;

c) **afetivo e visceral**: raramente apela à razão, pois pretende provocar emoções intensas (medo, raiva, orgulho, ódio) para que o auditório assimile o “valor” que o orador defende; d) **excludente e polarizador**: cria uma divisão clara entre o “nós” (os virtuosos) e “eles” (os inimigos) para reforçar e promulgar a intolerância extrema e o ódio;

e) **performático e sedutor**. É teatral, exagera o carisma para capturar a atenção e gerar adesão emocional, mesmo que o conteúdo seja violento e cruel.

Características de todos os níveis de intolerância e o gênero epidítico

Para surtir efeito retórico eficaz, o discurso ativo dos intolerantes pauta-se em discursos outros, mais brandos, que se encontram previamente formulados no imaginário social. A ênfase reside no uso do discurso epidítico, pois o intolerante divide o mundo por categorias bem sensíveis: eu, os meus e todos os outros. O raciocínio utilizado pelos intolerantes é sempre imperativo, tem valor exclamativo e formula-se por ordens, implícitas ou explícitas que moldam o tom fechado, monossêmico, apodítico. O intolerante nunca interroga verdadeiramente. Sempre afirma, e mesmo que pareça interrogar por meio de uma pergunta retórica no pior sentido (“*Você não acha que os judeus são abomináveis?*”) elabora a questão com uma resposta já respondida, pois traz em si uma afirmação que se esconde sob um discurso revelador do objetivo pretendido. O intolerante explora a prolepse, a figura que antecipa o argumento (real ou fictício) do adversário para voltá-lo contra ele. Acentue-se que o intolerante tem um pensamento fixo: se eu penso assim, todos devem pensar também. Os argumentos dos intolerantes pautam-se em lugares-comuns, atos retóricos que se repetem e repetem (figura de presença) até ganharem o status de máximas, uma espécie de repertório social cristalizado.

O intolerante é hábil em ordenar e em criar uma verdade aparente que se transformará em *doxa*. No discurso estereotípico dos intolerantes, a adjetivação contribui para a formação de um cenário de alta resolução imagética que tem a força de uma hipotipose, a figura que descreve algo de forma tão detalhada e vívida que o auditório consegue visualizar a cena em sua mente: se dissermos “japonês ladrão”, provavelmente o auditório pensará em um indivíduo de origem oriental que praticou um roubo. Se, porém, dissermos “cigano ladrão”, o adjetivo se estende semanticamente, no imaginário popular, para toda uma classe de pessoas e colocamos, sem qualquer justificativa, o povo cigano sob suspeição (um cigano é como todos os outros). A forma adjetivada e imperativa de descrever genericamente o ser discriminado é feita com tanta “certeza” e, por isso, aciona a memória histórica do auditório que, até inconscientemente, sustenta em si um estereótipo. O hábito de generalizar (“*todo cigano é ladrão*”) ou de mentir promove a economia argumentativa, pois o senso comum evita questionamentos sobre os porquês de afirmações, não exige provas constativas dos fatos relatados e a dinâmica argumentativa se vale da docilidade do auditório.

Considerações finais

O mundo ganhou contornos muito diferenciados daqueles da Antiguidade, mas a natureza humana permanece imutável em suas qualidades e defeitos. Para o orador, em qualquer tempo, a *phronésis* (sensatez, prudência, sabedoria prática), a *areté* (virtudes humanas) e *eunóia* (benevolência) ainda podem ser considerados fatores distintivos da boa qualidade do orador. Como, entretanto, os defeitos humanos também remanescem, nem todo orador desperta o auditório para a prática de ações consideradas retas, honestas, justas e altruístas. Os recursos persuasivos implicados na *actio* são tantos que muitos oradores se empenham em estabelecer solidariedade apenas para promover juízos criados por meio de efeitos discursivos para consolidar sua própria voz até torná-la verossímil e crível. Introduzem na cultura ideias que refletem o discurso instituinte dos vigilantes e intolerantes, que nasce nos subterrâneos sociais para, pela prática da retórica do gênero epidítico, ganhar contornos verossímeis, capazes de estabelecer mudanças que, no apertar de uma tecla, se recobrem de eloquência e promovem a *actio* eficaz, bem-sucedida e, em muitos casos, perversa.

No universo do *pathos*, é sensível que, em tempos de Internet e de redes sociais, o apelo emocional funcione como um estopim tão ou mais poderoso do que a lógica e a

demonstração. Qualquer recurso midiático de comunicação e de interação é veículo poderoso de disseminação da *doxa*. Um discurso, velozmente difundido por recursos midiáticos da contemporaneidade, pode promover a calma ou insuflar a cólera, despertar o amor ou hiperbolizar o ódio, ressaltar a vergonha ou alimentar a impudência. Enfim, todas essas paixões, assim como a inveja, a emulação, a compaixão, a indignação são consagradas, em diferentes proporções, a partir de gatilhos retóricos que disseminam, rápida e incontrolavelmente, inumeráveis gêneros discursivos no emaranhado da comunicação de nossos dias.

Por esse ângulo, os recursos midiáticos contemporâneos fazem ecoar uma ideia, um argumento, um ponto de vista que convence ou persuade, agrega, desagrega ou, até, manipula nervosamente os menos atentos às artimanhas do discurso. Assim, a despeito do aspecto racional que move a criação e produção de ideias, uma dimensão patética, explícita ou disfarçada, a acompanha na tessitura do relato e insufla os ânimos.

Há, pois, uma efervescência retórica que impulsiona o sentir em sociedade. A constituição do verossímil é a mola para acirrar os ânimos. A visão da realidade, em seus diversos prismas de interpretação, é aquilatada não como uma verdade positiva ou realista dada, constatada, mas pela forma como se constrói discursivamente essa mesma realidade no jogo oscilante de discursos que promulgam e asseguram, por meio de estratégias retóricas, os efeitos de verdade. Elogiar, depreciar, dar relevância ou escolher um aspecto parcial de um evento do mundo para exaltar interesses é um exercício de **ação retórica**. Criam-se amigos e inimigos instantaneamente e nem sempre com argumentos pertinentes.

Evidentemente, ações retóricas podem ser racionais e coerentes, mas, igualmente podem ser passionais e distorcidas. Quando assim é, mortificam ou alegram o homem, às vezes o desnudam no meio social porque as paixões são o outro da razão, o exagero de uma inclinação que se instala no ser humano à revelia da racionalidade e da experiência cognitiva.

Referências

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. (Coleção Obras Completas, tomo 1, v. 8).

FERREIRA, Luiz Antonio. *Leitura e persuasão: princípios da análise retórica*. São Paulo: Cortez, 2010.

FERREIRA, Luiz Antônio. A retórica dos vigilantes: autoria online. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 18, p. 74–89, abr. 2019.

FERREIRA, L. A. Quanto mais vazia a carroça, maior o barulho: a doxa e a dimensão pública dos discursos dos intolerantes. In: SANTOS, Maria Francisca Oliveira; FERREIRA, Luiz Antonio; SILVEIRA, Maria Inez Matoso (orgs.). *A práxis da linguagem em movimento: perspectivas textual-retórico-argumentativas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

FERREIRA, L. A. Quem te irrita te domina: o avesso do discurso dos intolerantes. In: NASCIMENTO, Jarbas Vargas; MIRANDA, André Freitas (orgs.). *Discurso, cultura e vulnerabilidade linguística*. São Paulo: Blucher, 2022. (Série Discurso e Cultura, v. 5), p. 73–92.

FERREIRA, L. A. Natureza do discurso epidítico. In: SANTOS, Éber José dos; FERREIRA, L. A. (orgs.). *Gêneros retóricos – epidítico*. Campinas, SP: Pontes, 2025a. p. 59–76.

FERREIRA, Luiz Antonio. Sobre o prazer e a dor de ser: efeitos patéticos no discurso epidítico. In: GOMES, Acir; MAGALHÃES, Ana Lúcia; ABUCHAIN, Cláudia Borragini (orgs.). *O suscitador das paixões: a retórica de uma vida*. São Paulo: Blucher, 2021. p. 138–154. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/download-pdf/479/22333>. Acesso em: 17 jul. 2025b.

FRIEDLANDER, Henry. *The origins of Nazi genocide: from euthanasia to the final solution*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1995.

MENDELSON, John (ed.). *The Holocaust: selected documents in eighteen volumes*. Vol. 11: The Wannsee Protocol and a 1944 report on Auschwitz by the Office of Strategic Services. New York: Garland, 1982. Documentos dos Julgamentos de Nuremberg e coleções arquivísticas: Protocol of the Wannsee Conference. 20 jan. 1942. Disponível em: <https://yalebooks.yale.edu/book/9780300095579/the-destruction-of-the-european-jews/>. Acesso em: 02 dez. 2025.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLANT, Richard. *The pink triangle: the Nazi war against homosexuals*. New York: Henry Holt, 1986.

SILVA, Ana Gabriela Moreira; DAMASCENO MORAIS, Rubens. Redações do ENEM – um olhar sobre a estase argumentativa. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 10, p. 1–19, eO2127, 2021.